

Lugares de Roma

O Coliseu

Em 1972, São Josemaria dizia numa homilia: Venero com todas as minhas forças a Roma de Pedro e de Paulo, banhada pelo sangue dos mártires, centro de onde tantos saíram para propagar por todo o mundo a palavra salvadora de Cristo. Ser romano não implica nenhum particularismo, mas ecumenismo autêntico; supõe o desejo de dilatar o coração, de abri-lo a todos com as ânsias redentoras de Cristo, que a todos procura e a todos acolhe, porque a todos amou primeiro¹.

As ruínas do Coliseu são testemunho eloquente da grandeza da antiga civilização romana e, ao mesmo tempo, da sua miséria e caducidade. De modo muito expressivo, João Paulo II caracterizava-o como "trágico e glorioso monumento da Roma imperial, testemunha muda do poder e do domínio da vida e da morte, onde parecem ressoar, quase como um eco interminável, gritos de sangue (cf. Jn 4, 10) e palavras que imploram concórdia e perdão"².

Grandiosidade e crueldade

O anfiteatro Flávio, que era o seu nome original, reflecte o génio romano, capaz de acometer empresas de grande envergadura cuidando ao mesmo tempo até os ínfimos pormenores práticos. Tudo nesta construção estava pensado para que as suas enormes dimensões e a sua solidez não prejudicassem

1. São Josemaria, Lealdade à Igreja (4-VI-1972).

2. João Paulo II, Via-sacra no Coliseu, Sexta feira Santa de 2003, Oração inicial.

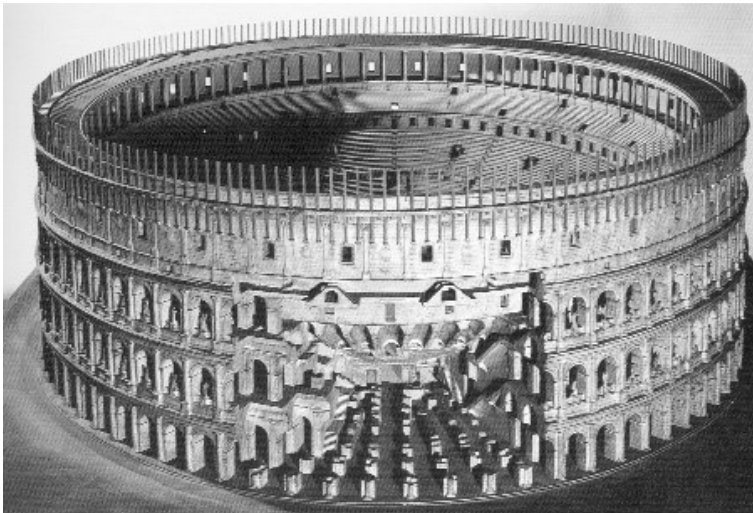


nem a beleza nem a funcionalidade. O equilíbrio arquitectónico conseguiu-se graças aos três andares de arcadas, em que se distribuíram sabiamente os espaços para dar uma sensação de leveza. O sentido prático estava presente numa enorme quantidade de aspectos: nos acessos, com mais de oitenta portas que permitiam encher e esvaziar o anfiteatro em poucos minutos; na distribuição dos lugares sentados, calculada para que de cada um dos cinquenta mil lugares se pudesse ver perfeitamente a arena; no sistema de toldos que protegiam a multidão do sol e da chuva, e que eram estendidos por uma equipe de cem soldados da marinha; na complexa rede de subterrâneos, onde havia ascensores de roldanas para içar os combatentes e as feras...

Demorou oito anos a construção deste grandioso edifício, empregando no trabalho uns doze mil escravos; na sua maioria hebreus, feitos prisioneiros por Tito depois da destruição de Jerusalém, no ano 70. O novo *Amphitheatrum* foi inaugurado no ano 80, com um programa de espectáculos e festejos que durou cem dias: faleceram na arena centenas de gladiadores, e morreram uns cinco mil animais selvagens. Também por essa época se celebraram as primeiras *naumachiae*, combates navais que se realizavam inundando o interior e que, pela sua novidade, devem ter impressionado vivamente os romanos.

Os sucessivos imperadores empenharam-se em proporcionar ao povo espectáculos cada vez mais aparatosos. Séneca já havia lamentado a espiral de violência e desumanidade a que

Reconstrução do Coliseu que se encontra no Museo della Civiltà Romana, em Roma.



conduzia este tipo de entretenimentos³. O povo podia sensações cada vez mais fortes, porque só lhe interessava o sangue, o puro homicídio e as matanças, quanto mais cruéis e sofisticadas melhor.

Neste contexto, as execuções dos condenados não eram demasiado interessantes para o público, porque os réus indefesos quase não apresentavam resistência aos verdugos ou às feras. Por isso se levavam a cabo ao fim da manhã, entre as lutas de gladiadores que se tinham visto até esse momento e as que se levavam a cabo pela tarde. Muitos desses condenados, que perdiam a sua vida ante espectadores embrutecidos e as mais das vezes indiferentes, eram cristãos.

Um martírio insigne "in Amphitheatrum"

Um exemplo comovedor de como os primeiros cristãos enfrentavam o martírio foi-nos deixado por Santo Inácio de Antioquia, morto no tempo do Imperador Trajano. Convertido do paganismo, Inácio foi o segundo sucessor de São Pedro na sede episcopal de Antioquia. No ano 107 foi detido, condenado *ad belvas* -às feras- e enviado a Roma sob custódia militar para aí cumprir a pena.

Conhecemos bastantes pormenores da longa viagem desde a Síria à capital do Império pelo historiador Eusébio de Cesareia e, sobretudo, graças às sete cartas que o próprio Santo Inácio escreveu às Igrejas de outras tantas cidades para as fortalecer na fé e preveni-las contra as heresias gnósticas, que então começavam a estender-se.

Todas as cartas começam com uma saudação de *Inácio*, também chamado *Teóforo*, portador de Deus. O fundador do Opus Dei gostava deste apelativo: *devia poder aplicar-se a todos os cristãos o apelativo que se usou nos começos: "porta-*

3. Cf. Séneca, Epístolas morais a Lucílio I, 7, 3-5.

dor de Deus". Age de tal maneira que possam atribuir-te "com verdade" esse admirável qualificativo⁴.

Muito cheio de Deus ia Santo Inácio, como reflecte o tom de felicidade que têm as suas cartas: *cordialmente em Jesus Cristo e numa alegria imaculada...*, são palavras com as quais saúda os efésios; deseja aos de Magnesia *uma superabundante alegria em Deus Pai e em Jesus Cristo*; e aos de Filadélfia envia-lhes uma saudação *no sangue de Jesus Cristo, que é alegria eterna e constante...* As razões da sua felicidade eram totalmente sobrenaturais, já que o futuro mártir conhecia o que o aguardava; e os esbirros que o conduziam não se distinguiram pela delicadeza: *desde a Síria até Roma, escreve, vou lutando com as feras, por terra e no mar, de dia e de noite, atado a dez leopardos, isto é, a um pelotão de soldados. Estes, apesar do bem que recebem, tornam-se piores. Com os seus maus-tratos vou sendo mais discípulo [de Cristo]*.

Santo Inácio sentia-se feliz por compartilhar a Cruz de Jesus, e tinha o desejo ardente de que a sua identificação com Nosso Senhor se completasse com o martírio. Por isso, roga aos cristãos que não intercedam por ele junto das autoridades e manifesta o seu desejo de que as feras se lancem para o devorar rapidamente: *não me vá acontecer, diz, como a alguns a quem, acobardadas, não tocam*⁷. Eram famosos alguns casos em que os animais famintos não tinham atacado os cristãos ou inclusive se tinham lançado mansamente a seus pés, perante o assombro dos espectadores. Segundo antigas tradições, assim sucedeu a Santa Martina, a Santo Alexandre e São Marino, entre outros santos.

O bispo de Antioquia foi lançado aos leões in Amphitheatrum . Assim viu cumprido o seu desejo: *Sou trigo de Deus, e é preciso que seja moído pelos dentes das feras, para me conver-*

4. S. Josemaria, Forja, 94.

5. Santo Inácio de Antioquia, Carta aos romanos, V, 1.

6. *Ibid.*, V, 2.

7. *Martyrium Antiochenum* VI, 3.



*ter em pão imaculado de Cristo*⁸.

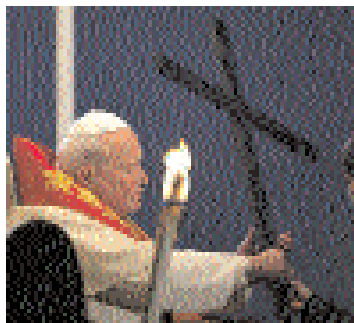
Depois do horrível espectáculo, os cristãos conseguiram resgatar alguns ossos do mártir, custodiaram-nos com veneração e mais tarde enviaram-nos para Antioquia: *vós haveis gozado do seu episcopado* - dizia São João Crisóstomo aos fiéis da cidade síria - *e os romanos admiraram o seu martírio. O Senhor retirou-vos este precioso tesouro por pouco tempo para o mostrar aos romanos, e devolvemo-lo com maior glória*⁹. No século VII, contudo, por causa das invasões sarracenas, as relíquias foram de novo trasladadas para Roma, e hoje repou-

8. Santo Inácio de Antioquia, Carta aos romanos, IV, 1.

9. São João Crisóstomo, In S. Ignatium Martirem hom., 5, PG 50, col. 594.



Martírio de Santo Inácio de Antioquia, de Johann Kreuzfelder (1570-1636).



No ano de 1964, Paulo VI retomou a tradição do rito da Via-sacra no Coliseu, iniciada por São Leonardo de Porto Maurício em 1750



sam na Igreja de São Clemente. Ali se pode ir agora a fim de, seguindo o conselho do Crisóstomo, *usufruir frutos espirituais dessas sagradas relíquias, porque são como um tesouro do qual se pode participar sem que nunca se esgote*¹⁰.

O caminho do ordinário

Embora também o Circo Máximo, o Circo de Nero e outros lugares da Urbe tenham sido palco da morte de muitos cristãos, em 1749 o Papa Bento XIV consagrou o Coliseu como lugar santo em memória da Paixão de Cristo e dos sofrimentos dos mártires. Nesse mesmo ano, fez colocar ao redor da arena as estações da Via-sacra.

Actualmente, logo ao entrar no Anfiteatro, vê-se de frente uma grande cruz de madeira negra, que convida a rezar. Nesse lugar, diante do instrumento da Paixão do Senhor e recordando quem deu a sua vida por Cristo, é natural que surjam desejos de maior entrega, de superar para sempre o nosso egoísmo, de que aumente em todos os cristãos o amor à mortificação... Aspirações santas que, com o auxílio da graça, se podem tornar operativas na vida do dia-a-dia:

*Quantos, que se deixariam cravar numa Cruz, perante o olhar atônito de milhares de espectadores, não sabem sofrer cristãmente as alfinetadas de cada dia! - Pensa no que será mais heróico*¹¹

O fundador do Opus Dei tinha uma grande devoção aos mártires dos primeiros séculos da Igreja. Recordou também que a santidade é para todos e alertava com frequência perante o erro de pensar que o heroísmo sobrenatural se limita a situações extraordinárias: perseguições, martírio, contradições de grande monta, ou a realização de grandes empresas para

10. *Ibid.*, col. 595.

11. *Caminho*, 204.



Lápide comemorativa da consagração do Coliseu como lugar santo.



glória de Deus... Em vez de desejar ardentemente essas gestas - que poderão apresentar-se alguma vez, mas que na vida real serão muito pouco frequentes -, animava todos os cristãos a seguir o caminho da heroicidade no meio das circunstâncias em que cada um de nós se encontra. Daí o conselho de *Caminho*:

*Queres ser mártir. - Eu te indicarei um martírio ao alcance da mão: ser apóstolo e não te chamares apóstolo; ser missionário - com missão - e não te chamares missionário; ser homem de Deus e pareceres homem do mundo. Passar inadvertido!*¹².

Como os mártires, os que somos cristãos temos de ter o desejo ardente de cumprir a Vontade de Deus e de lhe manifestar o nosso amor, passando também pelo sacrifício, com alegria, porque a mortificação não é pessimismo nem espírito azedo. A mortificação nada vale sem a caridade; por isso, havemos de procurar mortificações, que, além de nos manterem livres em relação às coisas da terra, não mortifiquem os que vivem à nossa volta. O cristão não pode ser um verdugo nem um miserável; há-de ser um homem que sabe amar com obras, que prova o seu amor na pedra de toque da dor.

Mas - insisto - essa mortificação não consistirá habitualmente em grandes renúncias, cuja oportunidade não se nos depara com frequência. Há-de estar feita de pequenas vitórias: ter um sorriso para quem nos incomoda, negar ao corpo o capricho dos bens supérfluos, habituar-nos a ouvir os outros, fazer render o tempo que Deus põe à nossa disposição... e tantos outros pormenores, aparentemente insignificantes - contrariedades, dificuldades, dissabores - que surgem ao longo do dia sem os procurarmos¹³.

12. *Caminho*, 848.

13. *São Josemaria. Cristo que passa*, 37.